

A PALAVRA É SUA.

VOLEIBOL - JOSÉ CARLOS BRUNORO

CELAFISCS - No que você acha que a ciência pode colaborar com o Voleibol?

BRUNORO - Bem, muita coisa, porque o voleibol é um esporte que depende muito da condição física e é um esporte que exige a potência aeróbica, anaeróbica, força, potência e velocidade. Às vezes, um jogador de certo nível atinge um ponto técnico que seria difícil a melhoria dele sem que a gente tivesse alguns detalhes a mais da preparação física e da ciência. Então nós, às vezes, buscamos estes detalhes a mais a nível de laboratório, para que possamos extrair o que há de melhor do atleta e fazer com que estes detalhes sejam melhorados através de informação científica.

CELAFISCS - Quais são os critérios para selecionar os talentos no voleibol?

BRUNORO - Vários critérios. Quanto ao aspecto físico, nós analisamos o biotipo. É muito importante hoje dentro do voleibol um biotipo longilíneo, garotos e garotas altas. Porque o nível internacional do voleibol está exigindo isso. O segundo aspecto, é importante que ele tenha bom índice de potência, pois o voleibol exige muito. E para isso, a habilidade natural, que ele tem que ter para o esporte, porque se não tiver, fica difícil só com o trabalho propriamente dito; ele precisa de alguma coisa que ajude a desenvolver este trabalho.

CELAFISCS - Qual a idade que você acha ideal para iniciar a prática do voleibol?

BRUNORO - Eu acho que a idade ideal para o esporte coletivo seria a partir de 11 (onze) anos, porque aí o garoto já teve uma formação física básica de coordenação, até uma formação psicológica a nível do que ele gosta e do que ele não gosta de esporte. Porque antes, eu acho que ele não tem aquela idéia formada para um esporte

específico. Por isso que eu acho que antes de 11 anos qualquer modalidade esportiva deve ser encaminhada a nível de interesse de conhecimento, de aprendizagem motora, que futuramente vai ajudar em qualquer modalidade.

CELAFISCS - Existe alguma Escola Brasileira de Voleibol?

BRUNORO - Existe atualmente uma escola a nível mundial. Muita gente alegou que o Brasil fosse uma escola diferente, já que o voleibol brasileiro é mescla o voleibol força europeu e o voleibol-velocidade asiático. Mas isso eu acho que já existia um pouco, quando a Polônia venceu. A única coisa diferenciada no voleibol brasileiro, é que além de usar essas duas mesclas da escola europeia e asiática, ele tem alguns fatores de ataque diferenciados das outras escolas, principalmente de fundo de quadra. A criatividade no ataque é uma coisa muito natural do brasileiro. Então isso faz realmente o voleibol brasileiro ser um pouco diferenciado das escolas comuns.

CELAFISCS - O que você acha que mudou no voleibol? E o que você acha que precisa mudar a partir de hoje?

BRUNORO - O que mudou realmente a partir de 1980, quando houve essa explosão do voleibol, foi a condição física. Nós demos ao jogador brasileiro um trabalho físico muito forte a nível internacional, e isso foi facilitado porque apareceram algumas empresas, no caso a Pirelli, o Bradesco, que permitiram que os jogadores pudessem se dedicar exclusivamente à modalidade. Então nós pudemos fazer um trabalho físico condizente. Isso mudou a nossa técnica; nós já tínhamos jogadores com uma técnica muito boa, vindos de outros trabalhos, então encaixou aquele trabalho físico e isso foi realmente um fator preponderante.

E o que precisa mudar de novo é a gente partir para um treinamento bem científico, porque toda vez que aqui no Brasil uma modalidade ou alguns atletas atingem um nível excepcional, me parece que eles são levados a trabalhar menos e às vezes as pessoas se acomodam. Nós vínhamos fazendo um trabalho na própria Seleção Brasileira de renovação, pegando a garotada e colocando dentro desse nível físico muito forte e estudando também a parte técnica. Fizemos um trabalho de análise um pouco mais profunda dos gestos, por exemplo, do bloqueio, que o Brasil tinha dificuldade. A nível de preparação física nós tivemos problemas, porque tínhamos uma geração um pouco mais antiga e uma geração nova que estávamos fazendo, tivemos que individualizar bastante o treinamento para poder ter rendimento.

Essas coisas eu acho que precisam ser mudadas, de novo reciclar nossa parte física e principalmente nossa parte técnica, não passar só por uma fase empírica, mas ser estudada fundamentada por fundamento mais cientificamente para que a gente possa, então, ter condições de nos confrontar com essas equipes internacionais.

CELAFISCS - Até que ponto você acha, que os meios de comunicação auxiliaram no desenvolvimento do voleibol?

BRUNORO - No início acho que auxiliaram bastante, porque o voleibol era praticamente desconhecido, foi mostrado para o público a nível de televisão. O público brasileiro pôde presenciar uma modalidade que se encaixou ao gosto do próprio brasileiro; pois eu considero a dinâmica do voleibol muito parecida com a dinâmica do futebol, já que dá para criar, tem lances bonitos, lances plásticos que caem muito ao gosto do brasileiro. Então nesse ponto a imprensa ajudou muito. Agora acho também por outro lado, que a imprensa passou a prejudicar um pouco o desenvolvimento do voleibol, principalmente porque alguns jogadores não estavam preparados para serem famosos. E esses jogadores se tornaram assim com comportamento inadequado para

um atleta de alto nível, pensando mais em uma promoção pessoal do que numa promoção de grupo, e a imprensa aqui no Brasil infelizmente só valoriza o atleta. Isso é muito particular ao futebol, mas o voleibol passou a ter isso também e isso prejudicou muito o trabalho do voleibol, principalmente nos últimos tempos.

CELAFISCS - Como está o intercâmbio entre os técnicos e como você acha que deveria ser?

BRUNORO - O intercâmbio entre os técnicos está péssimo, realmente quase não existe esse intercâmbio. Existe por exemplo o intercâmbio de um pessoal que está querendo aprender, com aquele pessoal que já tem nome, que já tem um trabalho de experiência, que poderia ensinar esse trabalho com os outros técnicos. Realmente ele está prejudicado por uma série de motivos: o primeiro deles é a falta de tempo para se reunir; o segundo é a rivalidade natural da própria profissão, pois não quer falar para outro. Quando nós estávamos na seleção, no campeonato brasileiro de 1986, por minha iniciativa fiz uma reunião dos técnicos, auxiliares técnicos e preparadores físicos para se discutir o voleibol brasileiro, e para que eu pudesse passar informações para eles de como era o trabalho da seleção brasileira e como era o voleibol internacional hoje, já que eu estava viajando bastante. A primeira reunião realmente foi maravilhosa, tivemos a presença de todos os técnicos que estavam presentes naquele campeonato. Aí teve uma outra fase do campeonato em São Paulo e eu promovi a mesma reunião, só que apareceram 20% dos técnicos que estavam lá. A partir deste momento eu vou tomar a iniciativa quando vierem conversar comigo, porque é realmente uma situação difícil de contornar, já se tentaram várias vezes esse tipo de conduta, mas não foi possível. Então realmente o intercâmbio entre os técnicos não é bom.

CELAFISCS - E fora do Brasil? Acontece a mesma coisa ou não?

BRUNORO - Eu acho que acontece. Fazer um intercâmbio entre os próprios técnicos, isto não se consegue ter no mundo inteiro. Agora se você fizer cursos, então sim, os técnicos vão para aprender, ver se é bom para eles. Mas eu acho que já é um ponto bom, pelo menos estão frequentando o curso, se

atualizando, isto é importante.

CELAFISCS - O que você tem a dizer de modo geral sobre o voleibol brasileiro de hoje?

BRUNORO - Eu acho que nós estamos no caminho certo, porque a partir da Olimpíada que foi o ápice do voleibol, que nós atingimos a medalha de prata, nós procuramos então fazer uma renovação paulatina porque eu sou praticamente contra uma renovação brusca. Então vários jogadores novos estão aparecendo, dando continuidade a este trabalho fazendo com que estes jogadores novos realmente tenham a oportunidade de jogar, para que o nível de experiência de jogo acelere. Acho que nós estamos muito bem, já que por exemplo, depois da Olimpíada, mesmo num processo de transição pelo qual o Brasil passou, nunca baixou de quarto lugar em nenhuma competição internacional que se fez no mundo. Então isso é muito bom; a própria Confederação Internacional de Voleibol, o ano passado, elegeu o Brasil o primeiro lugar em eficiência técnica do mundo, analisando a participação do Brasil nesses últimos dois anos e num período de entre safra; esse é um fator importantíssimo. Isto quer dizer que o voleibol brasileiro ainda continua sendo realmente uma das forças mundiais, mesmo num processo de entre safra. O que precisaria mudar, o que precisa ser pensado, é no comportamento do atleta, no nível de interesse do atleta fora a parte material. Então precisa-se fazer realmente um trabalho muito bom para que o voleibol continue sempre se mantendo naquele "Ranking" entre os cinco do mundo.

CELAFISCS - Você acha que um trabalho psicológico com a equipe, influi bastante no rendimento?

BRUNORO - Eu tive várias conversas com técnicos de outros países e o trabalho psicológico não está sendo feito como o pessoal apregoa, quase não existe o trabalho de um psicólogo junto ao grupo. Para o time americano que todo mundo fala, não tem um psicólogo no grupo, a não ser o próprio técnico dos E.U.A.; antes eu não sei, mas depois da Olimpíada, não existe nenhum trabalho psicológico. Agora eu acho que a Psicologia

é importante em vários aspectos primeiro para a comissão técnica. Muita gente fica analisando só o lado do jogador, mas acho que a comissão técnica deve ser orientada como atuar no grupo, porque não pode desvincular a atuação do técnico do grupo, isso é muito importante: o técnico ter sempre o comando do grupo e saber o que está se passando com o grupo. E aqui no Brasil principalmente quando uma modalidade passa a ser muito requisitada, muito famosa, as cobranças são muito grande. Os jogadores podem tomar a atitude que quiserem, mas sempre o técnico é culpado. Não que a comissão técnica precise de um psicólogo, mas ela precisa ser ajudada a atuar com o grupo, este é o primeiro aspecto. O segundo aspecto é em relação a problemas individuais, que às vezes necessitam então de um trabalho mais individualizado com um ou outro jogador, mas sem que haja perda de comando da comissão técnica, para que não se envolva uma pessoa que passe a ser o comandante; isso é muito perigoso, o técnico realmente tem que ter o comando. É importante às vezes, reuniões de grupo, comandadas por uma outra pessoa, no caso um psicólogo, para que possa imprimir no grupo, o que eu acho mais importante no latino: a motivação. Eu acho que a psicologia deveria fazer um estudo sobre a motivação, pois um atleta latino motivado, não tem ciência que ganhe deles; é muito de nosso espírito.

CELAFISCS - E o que é para você uma equipe jovem, uma equipe velha e uma equipe ideal?

BRUNORO - Bom, eu não sou muito assim de dividir por faixa etária. Eu acho que você pode ter um jovem de 34 anos jogando, se a condição física dele for adequada para participar de uma equipe de alto nível. Eu cito por exemplo, o William, com 33 anos, que nos últimos 5 ou 6 anos, em todos os testes físicos que faz, melhora ou mantém os resultados. Então ele não pode ser analisado pela idade cronológica, pois tem mais saúde que alguns garotos. Uma equipe jovem para mim, é uma equipe sem muita experiência técnica.

e sem muita experiência física. Uma equipe velha para mim, é uma equipe com maior nível de experiência, que já passou por várias situações. Poderíamos ter também parâmetros físicos para analisarmos melhor esta equipe, se realmente eles estão decaindo ou não.

É a equipe ideal pra mim, é aquela mesclada. O ideal seria ter na quadra dois veteranos, com uma experiência muito grande; dois médios veteranos que já tiveram uma experiência balanceada e dois jovens que seriam aqueles da saúde, aqueles que querem jogar só na raça.

CELAFISCS - E você acha que a nível internacional decide o que: o talento, a psicologia ou a estrutura esportiva?

BRUNORO - A nível internacional é uma mescla de tudo.

Quando um jogador atinge um nível internacional, é porque ele tem talento e força física por estar numa representatividade nacional e jogar um torneio internacional. Então realmente é a somatória de tudo, da técnica apurada, do físico apurado e de uma experiência muito grande para que ele possa estar numa competição internacional de alto nível.